

S E L I N A M A E



★ ★ ★ UNIVERSIDADE HALL BECK #2 ★ ★ ★

# APRENDENDO A PERDOAR



## CAPÍTULO 1



*Três anos e sete meses antes*

**Agosto**

Nos últimos dezoito anos, virei especialista em ler os meus pais como se eles fossem um livro. Passei a prever seus impulsos, saber quando perguntar alguma coisa e quando ficar de boca fechada. E, principalmente, quando insistir em um assunto e quando deixá-lo pra lá.

E, naquele momento, eu sabia que eles estavam arrependidos.

Pela maneira como María Castillo franzia as sobrancelhas e pela preocupação estampada no rosto de Juan Castillo, eu simplesmente sabia. Meus pais estavam a segundos de me arrastar para dentro de um avião de volta para o calor escaldante e familiar do Caribe.

Mas até que eles tinham superado em dois dias a minha expectativa.

– É... grande.

Quando tentava se encaixar em um ambiente de língua inglesa, o sotaque da minha mãe ficava ainda mais acentuado. Ela estava boquiaberta com o pé-direito alto do auditório, e esquadrihava as várias fileiras de assentos. Após uma última olhada para as famílias ao nosso redor, ela se virou para mim.

*Ah, sim.* Uma grande preocupação também estampava o rosto de María.

– Não se preocupe, *mami*.

Tentei não surtar com a perspectiva de *ela* surtar e gesticulei, fingindo achar um exagero dela. E isso fez com que eu me sentisse rígida. Robótica.

Meu pai parecia se sentir da mesma forma.

– *Mi vida* – murmurou ele, tentando engolir as próprias preocupações.

Ele apoiou a mão na base das costas da minha mãe, conduzindo-a para o corredor. Quando seu olhar encontrou o meu por um instante, uma coisa ficou nítida.

Estávamos do mesmo lado.

E ele estava desesperado para fazer minha mãe se juntar a nós. Ele tentava convencê-la de que eu encontraria meu lugar ali.

– *Estoy seguro de que nuestra Paulita se integrará...*

Minha mãe, porém, virou a cabeça na direção dele com tanta rapidez que meu pai engoliu as palavras antes mesmo que ela dissesse alguma coisa. O olhar fulminante da esposa sempre funcionava.

– *Coño, Juan. Por favor. Em inglês!*

Dando uma olhada urgente no corredor, ela se certificou de que ninguém tivesse ouvido aquele deslize acidental em espanhol.

Não que alguém se importasse tanto quanto ela.

Se havia uma coisa que María não suportava, no entanto, era ficar em evidência. Isso e não saber a todo instante o que sua única filha fazia e onde estava.

Então era óbvio que a perspectiva de me deixar em um país estrangeiro, onde eu provavelmente *não* me encaixaria, era uma ideia mais atraente na teoria do que na prática. Ficar repetindo para os primos, tias e tios que a filha iria estudar nos Estados Unidos até eles comecem a evitá-la nas ruas tinha sido divertido, mas ela não parecia gostar muito da realidade que se apresentava agora.

Com as sobrancelhas franzidas, minha mãe mordeu o lábio inferior pintado de vermelho, e eu tive mais ou menos dois segundos para convencê-la de que ali era o meu lugar.

A Universidade Hall Beck. Nos Estados Unidos. A cerca de 2.500 quilômetros da República Dominicana. *Minha terra natal.*

Minha tarefa era muito difícil, considerando que nem eu mesma estava totalmente convencida daquilo.

– Olha... – comecei, tentando conduzi-la para uma das salas menores pelas quais tínhamos passado na excursão de orientação.

As fileiras infinitas de cadeiras e o palco intimidador onde os professores davam palestras de uma hora tinham ficado para trás. Quando entra-

mos em uma sala de aula simples, que eu esperava que tirasse meus pais do estado de choque, relaxei os ombros, levemente aliviada.

– Não é tão diferente da Universidad Tecnológica de Santiago.

Que provavelmente era onde eu acabaria se não virasse o jogo a meu favor. E rápido.

Minha mãe balançou a cabeça e soltou um *tsc* de desaprovação.

– Não minta, Paulita. – Ela bufou e observou as janelas, o quadro-branco e o tablet em cada assento. – Não se parece em nada. – Ela suspirou. – Eu... não sei. Talvez você devesse voltar com a gente, no fim das contas. O que acha, Juan?

O pânico atravessou meu corpo quando vi o olhar questionador que ela dirigiu ao meu pai. Durante toda a minha vida, eu não conseguia me lembrar de uma única vez que Juan Castillo tivesse negado alguma coisa à minha mãe. E, ao trocar olhares com o homem que havia defendido com tanto afinco que eu estudasse nos Estados Unidos, não parecia que dessa vez seria diferente.

Dava para ver que ele estava cedendo. Provavelmente até já calculava o custo de uma passagem extra de volta para Puerto Plata no dia seguinte. Eu precisava agir logo.

– Não! – Minha intervenção o impediu de dar um aceno de cabeça que determinaria a decisão dos dois. – Por quê? Pensem no peso dessa faculdade no meu currículo! Vocês já contaram à tia... A todas as tias sobre isso. E aos primos! Não podemos esquecer dos primos. – Todos os 23. – O que eles pensariam...?

Minha mãe continuou balançando a cabeça, e eu estava perdendo o ímpeto.

– Não. – Os olhos dela se concentraram de novo em mim. – Eu não me importo com isso. – *Mentira*. – Nós só queremos o melhor para você, Paula. Não sei se o melhor é aqui. Quer dizer... você... se adaptou? – A preocupação voltou aos seus olhos castanhos. – Já fez algum amigo?

Não fiquei surpresa com o fato de a única preocupação da minha mãe ser esta: se eu me encaixaria bem. Se seria popular.

E também não me senti culpada pela mentira que saiu da minha boca.

– Já! – Eu não tinha feito amizade nenhuma. – Claro. – Eu ainda nem havia conhecido as minhas colegas de quarto. – É com isso que você está preocupada, *mami*?

– Não.

Sim. Sim. Sim! Ela também estava mentindo, e eu podia usar isso a meu favor.

– Ah – falei, comovida, guiando lentamente meus pais para longe do local em que eles quase tomaram uma decisão que colocaria todo o meu futuro em risco. Só para eles não se lembrarem daquilo. – Eu conheci pessoas incríveis. Todos aqui são tão... comunicativos!

– Os americanos adoram conversar – concordou meu pai, de um jeito ríspido. – E falam muito alto.

– Sério? – indagou minha mãe.

Eu não sabia se ela tinha se dirigido a mim ou ao meu pai em busca de explicações, mas, por precaução, resolvi tomar as rédeas. Finalmente havia um vislumbre de esperança. Uma luz no fim do túnel. María Castillo parecia aliviada, e eu podia tirar vantagem disso.

Se tudo que precisava fazer era fingir ter uma vida social excepcional durante os quatro anos seguintes, eu podia contar com a vitória.

– *Sério* – garanti, tentando transparecer a maior convicção possível no meu olhar. Dava para notar que eles estavam refletindo enquanto saíamos da sala. – Passamos o dia todo juntos ontem – menti, andando de costas. – E...

Não consegui continuar com a mentira quando topei em algo... sólido e, assustada, tropecei.

Achei que fosse bater com a cabeça no chão. Meus pais perceberiam que eu não estava apta para cuidar de mim mesma (porque iria parar no hospital com um ferimento na cabeça dois dias depois da minha jornada rumo à independência), e eu seria obrigada a concordar com eles, porque... bem, teria ido parar no hospital. Eu me visualizei de volta à República Dominicana antes mesmo de chegar ao chão.

Mas não caí.

Em vez disso, senti uma mão fria segurar meu pulso, me puxar para cima e me dar apoio até eu conseguir me equilibrar.

Não bati a cabeça no chão, só trombei com o peito do meu pai quando o desconhecido me soltou. E, em vez de meus pais dizerem que eu não estava em condições de cuidar de mim mesma, ouvi uma voz irônica:

– Olha pra frente, senão você pode machucar alguém.

Então veio a voz curiosa da minha mãe:

– Vocês se conhecem?

Ela parecia... animada, e de repente não fazia diferença saber com quem eu tinha acabado de trombar. Teria que dar para o gasto.

Eu me virei bem a tempo de silenciá-lo com o olhar, porque ele já estava abrindo a boca para dar a resposta óbvia: *Não*.

– Sim! – deixei escapar, ignorando a nítida confusão nas sobrancelhas escuras franzidas, que contrastavam lindamente com aqueles olhos verdes.

Estremecendo, murmurei um “Por favor”. E acrescentei um “Desculpa”.

Engoli em seco antes de me virar para os meus pais, dando um passo atrás para ficar ao lado do desconhecido, cujo cabelo era alguns tons mais claro do que o meu castanho.

– Claro! – reforcei, animada. Animada demais? – Esse é o...

Pela maneira como ele se encolheu, talvez o meu toque *gentil* com o cotovelo na lateral do corpo dele tivesse sido mais forte do que pensei. Mas ao que parecia havia funcionado e transmitido meu desespero com precisão, porque o garoto se empertigou ao meu lado e estendeu a mão.

– Henry Pressley. É um prazer finalmente conhecer vocês. – Ele olhou para mim por um segundo antes de continuar: – Ouvi falar muito dos dois!

*O que eu poderia ter dito a ele nos dois dias que supostamente passamos juntos?*

Fiquei surpresa ao ouvir meu pai falar primeiro.

– Pressley? – Ele repetiu o nome baixinho, num volume que mal me permitiu ouvir as palavras seguintes. Como se não fossem direcionadas às pessoas diante dele. – *¿Dónde fue que escuché ese nombre?*

Em vez de responder onde meu pai podia ter ouvido aquele nome, minha mãe deu uma amorosa cotovelada nas costelas dele pelo segundo deslize espanhol do dia.

– Henry! – disse ela um pouco mais alto, com um sorriso forçado e os olhos grudados no rapaz. Provavelmente para distraí-lo do espanhol do meu pai e para compensar o sussurro dele. – Não admira a Paula ter falado tanto de você.

Eu não tinha falado nada, obviamente. E, em qualquer outra circunstância, poderia ter ficado envergonhada com a revelação, mesmo sendo falsa. Mas o fato de a beleza de Henry tê-la feito esquecer que eu não tinha mencionado ninguém até dois minutos antes justificava o leve rubor no meu rosto.

– É mesmo? – Ele olhou de novo para mim antes de dar uma bufada,

um som baixo e satisfeito, e depois se voltou para os meus pais. – Só coisas boas, espero.

– Claro.

Minha mãe acenou para tranquilizá-lo, mais uma vez esquecendo de que eu não tinha falado absolutamente nada sobre ele.

Ela parecia inebriada demais pela possibilidade de a filha realmente ter feito uma amizade. Como se não conseguisse acreditar.

Impressionante.

– Pressley! – soltou meu pai, do nada, só percebendo que tinha falado em voz alta quando levantou a cabeça de repente. Ele arregalou os olhos. – *¡Qué tristeza...* Não! Desculpa! Desculpa.

Eu não sabia se estava se desculpando com Henry por falar demais ou com a minha mãe pelo espanhol. Ele deu uma olhada de um para o outro com tanta rapidez que não consegui ter certeza. Por fim, meu pai, um pouco mais calmo, embora ainda abalado, disse:

– Você é filho de Felix Pressley. O jogador de futebol.

A sombra que se moveu no rosto de Henry desapareceu com a mesma rapidez que apareceu. Como se não fosse nada, ele deu um sorriso frio e disse:

– É isso mesmo, senhor.

Eu também sorri, porque sabia que a coisa preferida do meu pai em relação aos americanos era que eles sempre o chamavam de senhor.

– O senhor é torcedor? – perguntou Henry.

Eu nunca tive muito problema com a franqueza da minha família. Mas, naquele momento, Juan Castillo balançou a cabeça e disse:

– Na verdade, não.

E eu pensei que realmente gostaria que eles tivessem filtro em momentos como aquele, com ou sem a barreira do idioma. O sorriso no meu rosto sumiu.

Esperei a mesma reação de Henry. No entanto, em vez de ficar ofendido, lançar insultos e revelar a minha pequena mentira, ele abriu um sorriso que pareceu sincero.

– É. – Henry parecia mais aliviado do que qualquer coisa. – Nem eu.

E aí eles se conectaram.

Durante quinze minutos, qualquer pessoa ao redor acharia que meu pai conhecia muito bem o cara ao meu lado – ou o pai dele, na verdade.

Mas, contanto que minha mãe continuasse com um sorriso no rosto, parecesse encantada com a conversa e não descobrisse a minha mentira, eu estava feliz.

Quando meus pais finalmente saíram e a ideia de me levar para casa com eles pareceu totalmente esquecida, meu suspiro foi tão alto que preencheu o corredor todo.

– Talvez, sem querer, você tenha acabado de me salvar, *Henry*.

– Que bom, *Paula*. – Não precisei olhar para saber que ele estava sorrindo, e, na verdade, minha atenção continuava grudada nas portas duplas que tinham acabado de se fechar atrás dos meus pais. – Eu sempre fico feliz de ajudar uma amiga quando ela está... – Ele parou, esperando que eu preenchesse as lacunas. – Quando ela está o quê, exatamente?

– Ah, você sabe. – Eu acenei sem entusiasmo, e meu sorriso também era evidente. – Tentando convencer os pais de que tem uma vida social agitada dois dias depois de entrar na faculdade, antes que eles mudassem de ideia e a fizessem voltar para o país de origem.

Percebi que estava falando de mim mesma na terceira pessoa, o que devia ser estranho. Ainda mais estranho do que a minha explicação.

Então pigarreei, finalmente me virei para ele e dei de ombros com timidez quando nossos olhares se encontraram.

– Nada sério.

– Claro. – A diversão na voz dele me deu esperanças de que falar de mim na terceira pessoa não tivesse sido tão esquisito quanto eu temia. – Eu devia ter adivinhado isso, na verdade. Foi mal.

Para olhar nos olhos dele, tive que inclinar a cabeça para trás. Ele tinha repartido o cabelo castanho-claro ao meio de um jeito casual e usava uma camiseta branca que ressaltava os bíceps por dentro de uma calça social. Arregalei um pouco os olhos, impactada.

Que maldição. Para meu azar, Henry Pressley era irrefutável e inegavelmente... gostoso. Maravilhosamente deslumbrante.

E eu tinha acabado de falar de mim mesma na terceira pessoa na frente dele.

Fiquei vidrada em seus olhos verde-escuros, e algo me disse que ele percebeu, porque ergueu uma sobrancelha de um jeito cômico.

– Se vale de alguma coisa, acho que a minha atuação pode ter interferido

na opinião deles – refletiu Henry. Ele apontou com a cabeça na direção da porta por onde meus pais tinham saído, mas o olhar permaneceu grudado no meu. – Espero te ver por aí.

E tive a sensação de que iríamos nos ver, sim.

– Um brinde à esperança – sussurrei comigo mesma.

## CAPÍTULO 2



*Presente*

Duas coisas me ocorreram ao mesmo tempo:

1. Eu estava perseguindo meu editor enquanto ele saía do prédio – algo que eu com certeza não deveria fazer.
2. Eu precisava fazer mais exercícios aeróbicos.

– Ed, por favor! – Ofegante, isso foi tudo que consegui dizer, na esperança de alcançar o homem responsável pelo futuro da minha carreira antes que ele saísse do prédio. – Você sabe que eu preciso disso – acrescentei. – Mais do que todos eles. Você sabe!

Em vez de olhar para mim, se dar conta de que eu estava certa e me dar o maldito artigo, Eddie só balançou a cabeça e continuou descendo a escada como se não estivesse esmagando um pedacinho da minha futura carreira a cada passo.

– Me desculpa, Paula – murmurou ele, sem convicção, enquanto começava a descer dois degraus por vez, muito focado em empurrar a enorme porta dupla de madeira para chegar à liberdade ensolarada. – Mesmo...

Foi quando pulei os últimos quatro degraus para me jogar na frente dele. Eu só me encolhi um pouco quando esbarrei nele e quase caímos no chão de pedra diante do prédio.

– Meu Deus – disse Eddie, limpando o suéter bege com as mãos assim que recobrou o equilíbrio. – É sério isso? – Ele balançou a cabeça

com tanta descrença que o cabelo loiro sacudiu de um lado para outro. Os olhos dele voltaram a encontrar os meus, e eu só consegui piscar. Ele respirou fundo. – Olha, eu sei que você quer esse artigo – falou, sem saber o que fazer com as mãos: se deveria dar um tapinha reconfortante no meu ombro, deixá-las balançando ao lado do corpo ou coçar a cabeça. Eddie escolheu a última opção. – Mas eu não posso fazer isso. Ele é muito importante e, depois de tudo que aconteceu no ano passado... Realmente não dá.

Eu não queria ser lembrada mais uma vez dos meus fracassos, então comecei a falar na mesma hora.

– Eddie. – Uma risada hesitante. – Ed. Olha. Você não entende. – Engoli em seco. – Eu preciso desse artigo para me formar! De *qualquer* artigo!

Eu não podia entregar um dos horóscopos que ele me fez escrever. Só precisava de uma última tarefa para me formar dali a alguns meses. O projeto extracurricular valia vinte e cinco por cento da minha nota final, e teria sido fácil um ano antes – quando eu ainda recebia com frequência a tarefa de escrever artigos e não tinha manchado a minha reputação jornalística com um erro idiota. Mas, infelizmente, não estávamos mais no ano anterior e o artigo tinha que ser do semestre atual.

Para meu azar, no ano corrente, Eddie tinha me dado exatamente três artigos para escrever. Todos sobre o que cada signo poderia esperar naquele mês. Absolutamente nada que eu pudesse submeter para avaliação.

Em compensação, se eles pudessem avaliar a minha capacidade de ir buscar o café ou fazer cópias excepcionais, eu passaria com distinção.

– Eddie... – tentei de novo e, aparentemente, foi a gota d'água.

– Você não merece! – explodiu ele.

No mesmo instante, o rosto dele refletiu seu arrependimento. Dava para ver que ele não pretendia levantar a voz, mas a grosseria ficou pairando entre nós.

Eddie balançou a cabeça de novo.

– Desculpa, Paula. De verdade. Depois de tudo que aconteceu, eu simplesmente não posso te dar esse. Ele vai para a Lacy, conforme conversamos.

Acho que, antes de me recompor, cheguei a me encolher com a insinuação, com as palavras duras e com aquele nome familiar demais.

– Mas você não vai me dar nenhum artigo pra escrever. Nenhum. Neca. *Niente*. Como vou me formar se você me deixa longe de todas as pautas viáveis?

Ed apertou a ponte do nariz e fechou os olhos. Quando voltou a me encarar, o vestígio de arrependimento em sua expressão tinha sumido, ele parecia um homem decidido. E, de alguma forma, eu sabia que não era a meu favor.

– Não se preocupe com isso, está bem? Vou te dar alguma coisa em breve. Mas não este, Paula.

Era a mesma desculpa que eu tinha ouvido um milhão de vezes, mas nem por isso doía menos. Com a formatura chegando, eu não sabia ao certo quanto tempo mais ele podia me deixar na geladeira.

Eddie se virou e entrou pelas enormes portas de madeira do prédio que abrigava os escritórios do *Hall Beck Post*. Isso me levou de volta à constatação número um.

*Eu tinha acabado de perseguir meu editor enquanto ele saía do prédio.*

Grunhi tão alto que ele deve ter escutado do escritório dele, um andar acima. Porque, num piscar de olhos, numa bela tarde de sexta-feira, minha carreira havia morrido. De novo. Antes mesmo de ter começado. E eu nem tinha saído do jornal da faculdade!

Se eu não conseguisse ter um bom desempenho no *HBP*, como seria bem-sucedida no mundo real? Entre jornalistas de verdade? O que eu deveria dizer em entrevistas de emprego quando perguntassem sobre a enorme lacuna de publicações no meu currículo?

*Ah, isso é culpa do Eddie. Ele não me deu nada de bom por um ano porque eu cometi um erro. Um erro horrível, aí ele simplesmente não confiava mais em mim. Mas não liga pra isso, não!*

Meus punhos se fecharam ao lado do corpo antes de se cruzarem no alto da minha cabeça. Comecei a andar sem entusiasmo. Respirei fundo e fechei os olhos com força.

Já tinha corrido tantas vezes de um lado para o outro entre aquele prédio e a minha casa por conta de prazos apertados e lanches esquecidos que seria capaz de fazer o caminho até vendada. Eu não me importava nem um pouco com o risco de cair ou colidir com algo.

Tinha coisas maiores com que me preocupar.

Na semana seguinte, eu falaria de novo com Eddie. Explicaria a situação, deixaria meu desespero evidente... ainda mais evidente. Embora tivesse me deixado no banco de reservas por um ano inteiro, como editor-chefe do *Hall Beck Post* ele era obrigado a me dar... alguma coisa para o meu projeto extracurricular. E eu queria que isso acontecesse logo, antes que os prazos ficassem apertados demais para...

– Olha pra frente.

A voz conhecida fez o sangue nas minhas veias gelar. Fiquei paralisada, esperando e rezando para ter ouvido errado, mas...

– Senão você pode machucar alguém.

Com certeza era a voz de Henry Parker Pressley, vindo da direção para a qual eu estava me encaminhando sem olhar.

Senti um embrulho no estômago e acabei tropeçando. Um tropeço tão feio que quase caí de cara na rua de cascalho. Bem na frente do meu ex-namorado.

Recuperei o equilíbrio bem a tempo de ver os nossos caminhos se cruzarem. Minhas bochechas adquiriram uma cor vergonhosa que eu esperava que ele não visse. Constrangidos – eu, na verdade –, passamos um pelo outro, e ele não se virou para falar comigo. Nada de sorriso. Nada de *Oi, tudo bem? Estou com saudade, Paula*.

Só o tom de provocação, como se não estivéssemos sem nos falar havia quase um ano. Meu estômago se revirou instintivamente ao som da voz dele, como se nunca houvéssemos terminado.

Precisei de todas as minhas forças para não grunhir de novo.

*Recomponha-se*, imbecil.

Eu tinha passado quase um ano inteiro sem esbarrar com ele no campus. Sem trocar uma palavra com ele. Minha melhor amiga havia levado a nossa fase *sem contato* muito a sério. E, de todos os lugares, o prédio de belas-artes e comunicação era o último lugar onde eu esperava que essa sequência bem-sucedida terminasse. Por mais infantil que parecesse, aquele era o *meu* cantinho do campus. Ele podia ficar com o resto todo, se quisesse.

A faculdade de administração. O Centro Atlético batizado em homenagem ao pai dele. Até a biblioteca e o refeitório se necessário. Mas não o *Hall Beck Post*, nem o prédio em que ficava o escritório do jornal.

O que ele estava fazendo ali?

Eu sabia com cada fibra do meu ser que não deveria me virar. Gritei e lutei contra essa vontade, mas mesmo assim acabei me virando.

Henry estava parado em frente ao prédio de onde eu tinha saído minutos antes, aparentemente contemplando a mesma pergunta (*O que é que eu estou fazendo aqui?*). Ele jogou a cabeça para trás, as mãos desaparecendo nos cabelos castanhos que pareciam mais claros enquanto o sol dançava através dos fios.

Então ele se recompôs. Essa deveria ter sido a minha deixa para ir embora, certo? *Antes* que ele pudesse ver que eu ainda estava olhando para ele. Afinal, nem era para eu estar fazendo aquilo, o que ficou muito mais evidente quando ele se virou e nossos olhares se cruzaram a uma distância de uns 50 metros. Tarde demais para parecer fria e desinteressada. De repente, eu queria gritar do outro lado do pátio: *Por favor, volta comigo!*

Henry era passado, com toda a certeza.

Fiquei repetindo isso para mim mesma. Enquanto me virava e saía correndo. Enquanto tentava ignorar a maneira como meu peito ainda ficava apertado na presença dele.

*Eu já o superei totalmente.*

*Dios mío*, dava para ouvir as palavras de Maeve antes mesmo de chegar em casa.

*Paula, recomponha-se. Já faz um ano. Depois: Decidimos que vocês ficariam sem contato por um motivo, querida. Isso inclui não ficar encarando o Henry quando vocês se encontrarem por acaso no campus.*

Minha melhor amiga e eu morávamos juntas – dividíamos a casa com outras duas garotas (e o meu gato) desde o primeiro ano. Tinha sido a acomodação mais barata que achamos na época.

Quando cheguei lá, Maeve ocupava todo o sofá, seus cabelos ruivos espalhados pelas almofadas, enquanto Laila e Riley estavam deitadas no chão em frente. Pip se aconchegava entre as duas, dormindo em paz, para variar.

Atrás delas, a bancada que separava a sala de estar da cozinha devia ter acabado de ser limpa por uma das meninas – provavelmente por Laila –, porque estava vazia, exceto por uma cesta de frutas de madeira igualmente vazia.

Eu nem tinha aberto a boca, mal conseguira tirar o tênis e a jaqueta de couro grande demais, quando os olhos de Maeve saltaram na minha direção. Bastou um olhar, e ela levantou a mão, me calando.

Lembrete: eu ainda nem tinha falado nada.

– Estou vendo que você tem alguma coisa pra contar – disparou ela. Maeve voltou a olhar para a TV. – Mas agora não, P. As meninas estão pres-tes a voltar da Casa Amor!

Bufando, contornei as garotas no chão, e Maeve estava tão mergulhada em *Love Island* que nem reclamou quando me joguei no sofá azul-petróleo pequeno e a obriguei a chegar para o lado. Um dos cobertores cor-de-rosa caiu do apoio de braço em que estava pendurado por um fio, e o som da queda foi suficiente para fazer Maeve dizer *shhh!* na direção dele. Como se, de alguma forma, a queda tivesse sido culpa minha.

O inevitável gancho para o próximo episódio veio apenas três minutos depois. Maeve e Riley grunhiram alto o suficiente para preencher toda a casa com o som, e Laila apenas jogou a cabeça no sofá atrás dela, o cabelo loiro quase se embolando nas minhas meias.

– Então tá. – Maeve finalmente se endireitou para me examinar com atenção. – Estou sentindo relutância desse lado do sofá.

Ela gesticulou para mim e riu, distraindo Riley e Laila da conversa sobre o gancho da série.

As duas com certeza seriam minha melhor chance de conseguir algum apoio.

– O que você não quer contar pra gente, mas vai contar de qualquer maneira? – perguntou Maeve, com um sorriso de quem sabe das coisas.

Franzi a testa diante dos olhos castanhos atentos dela.

– Como é que você sabe?

– Minhas habilidades de vidente. – Seu sorriso ficou mais amplo. – E porque, se não fosse por isso, você não teria calado a boca quando eu te falei pra ficar quieta.

Uma coisa sobre Maeve Peterson: suas avaliações sempre são assustadoramente precisas, beirando a adivinhação. Em muitas ocasiões, eu tentava pensar em alguma coisa diferente só por garantia, caso ela *realmente* fosse capaz de ler a minha mente.

– Está bem – falei. – Você não está... errada. Sobre a relutância.

– Quem diria! – Riley riu.

Laila a cutucou com um *shhh!*, passando a mão no cabelo liso, como sempre fazia quando muitas pessoas voltavam a atenção para ela de repente.

Pigarreei.

– Você sabe que eu sou muito ruim em tomar decisões, né?

Na única vez que eu tinha tomado uma decisão, ela literalmente mudou toda a trajetória da minha vida, e eu estava mentindo para os meus pais desde então.

Maeve assentiu.

– Claro que eu sei, meu amor.

– Então você me ajuda a decidir quais roupas comprar, quais filmes ver. Para quais... ex-namorados não devo ligar.

E eu só podia estar falando de *um* ex.

A preocupação se espalhou pelas feições da minha melhor amiga como uma fagulha numa floresta. Riley arquejou de um jeito dramático no chão, só para dar um pouco de humor à situação, não porque estivesse chocada de verdade.

– Eu não liguei pra ninguém! – expliquei às pressas.

Maeve apenas me encarou, muito menos afável do que no minuto anterior.

– Desembucha, Castillo.

– Bom...

Engoli em seco, os olhos percorrendo a nossa sala de estar para evitar a expressão séria dela. A TV ao lado da porta da frente mostrava um quadro congelado da abertura de *Love Island*, nossa mesa de centro tinha poucos livros decorativos e estava coberta por revistas, jornais e três dos romances que Riley alternava na leitura. Um vaso de vidro vazio jazia sobre o aparador à esquerda e, emolduradas atrás dele, estavam as nossas regras da casa escritas em azul:

1. Tire os sapatos!
2. Ria alto
3. Chore livremente
4. Dance mal

Em suma, não havia muito para se olhar – não mais do que o habitual.

– Eu estava saindo do jornal, conversando com o Eddie sobre... meu próximo artigo...

– Ah! – gemeu Laila no chão. – Ele finalmente te passou a tarefa de escrever alguma coisa que não seja o horóscopo?

Eu sabia que a intenção dela ao fazer aquela pergunta não era que soasse tão... triste, mas, quando respondi um “não” apático, Laila ficou claramente desanimada.

Eu não sabia o que odiava mais: a pena ou a decepção.

– Ainda não – corriji, antes de voltar ao assunto. – Enfim, a gente foi cada um para um lado... e você não vai adivinhar em quem eu esbarrei.

– Esbarrou? – Riley de novo.

– Quase esbarrei – corriji.

É óbvio que Maeve suspirou de um jeito teatral antes mesmo que eu concluísse a história.

– Ah, Paula. Você falou com ele, não falou? – Outro suspiro. – Se esqueceu da operação Sem Contato? Falar com certeza é ter contato...

– Eu não falei com ele, tá bom? – O silêncio prolongado e os olhares de expectativa das minhas amigas me obrigaram a elaborar. – Só olhei pra ele. Por tempo demais. Até que ele também olhou pra mim, e nós meio que tivemos aquele negócio de contato visual, mas ele estava tão longe...

Minha voz foi sumindo, e a careta de Maeve me disse que eu parecia animada demais. Então eu mesma me interrompi:

– Mas *eu* desviei o olhar primeiro e saí correndo.

Minha melhor amiga jogou a cabeça para trás, deixando-a cair no encosto do sofá, e fez que não com um suspiro cansado.

– Meu Deus, Paula! – Ela bufou, passando as mãos no rosto. Riley e Laila ficaram caladas. – Só para registrar – continuou ela –, encarar o Pressley conta como contato. Você nunca vai esquecer o cara desse jeito, amiga. Já faz um ano.

Sua voz assumira um tom reconfortante e o sorrisinho gritava *pena*. De novo.

– Eu sei, eu sei. Você já disse isso! – grunhi. Ela estava prestes a discordar de mim quando percebi e acrescentei: – Na minha cabeça! Você já disse isso na minha cabeça. E eu sei. E faz sentido. Eu quero esquecer o Henry. Eu meio que já esqueci. Mas, *ay, Dios mío*, Maeve, olha só pra ele! É impossível.

– Ele é um homão – concordou Riley, pensativa, girando uma única trancinha no dedo.

– Obrigada! – Apontei para ela, mostrando que eu não estava sozinha nessa. – Não tem nada de errado em admitir que ele é um... homão. – Riley me deu uma piscadela quando olhei para ela. – E admirar a razão que faz dele um homão. De longe.

Maeve inclinou a cabeça, o olhar passando pelo meu rosto. Minha pele marrom, meus olhos castanhos, os cachos que os emolduram.

– Não – murmurou ela. – Não tem nada de errado com isso. E eu adoro o cara... Não me olha assim, eu adoro mesmo! Mas olha só pra você. Você cruzou olhares com ele uma vez e se apaixonou tudo de novo.

De novo, aquele tom de piedade na voz, a pena refletida no castanho dos olhos dela.

– Isso é exagero. – Meu olhar foi até Riley, depois até Laila, sentindo a necessidade de corrigir aquela calúnia. – Ela está exagerando – repeti, para confirmar.

– A gente sabe, querida. – Riley riu.

Erguendo uma sobrancelha sugestiva, ela continuou girando inocentemente uma trança entre os dedos. Como se não estivesse insinuando o que estava insinuando.

Laila, com a voz despreocupada de sempre, entrou em cena.

– Gente, a Paula não precisa do Henry. Ela tem o Jack.

Eu não queria que meu rosto fizesse aquilo, mas franzi o nariz e a sobrancelha e me encolhi ao ouvir o nome. E me senti mal no mesmo instante.

Maeve e Riley levantaram as sobrancelhas, e eu grunhi:

– Tenho?

– Você poderia ter! – disse Riley, quase gritando, do jeito que ela sempre fazia quando ainda estava rindo. – O coitado do garoto está de quatro por você. Não começa a balançar a cabeça, é verdade. Se ele vier amanhã, você vai ver.

– Amanhã? – perguntou Maeve.

– O lance do Michael, lembra? – Tradução: uma festa. Riley sempre tinha uma festa para ir. – Ele me convidou, e vou arrastar vocês todas comigo.

Ela lançou um olhar penetrante para Laila, que obviamente não queria ir, mas acabaria indo mesmo assim. Em parte porque a namorada dela poderia aparecer. Olhando para mim, Riley acrescentou:

– Acho que o Henry também vai estar lá.

Eu não queria me endireitar no sofá, mas tinha praticamente me esquecido de Jack quando perguntei:

– Você acha?

E percebi, tarde demais, que nem tinha tentado ser sutil.

– Meu Deus. – Maeve suspirou, escondendo o rosto com as mãos. – Você não devia ter dito isso, Rie.

Soltei um arquejo, como se estivesse ofendida por sua observação tão precisa.

– Só estou perguntando! Eu não me importo. Vai dar tudo certo. – Fechei a cara e lancei um olhar furioso para a minha melhor amiga. – Passei meses ignorando o Henry e posso passar mais alguns até a formatura. Mas muito obrigada pelo seu voto de confiança, Maeve.

Ela jogou as mãos para o alto, fingindo que tinha se rendido, e abriu um sorriso em sincronia com o movimento.

– Eu te amo, tá? – disse ela, como se pedisse desculpa. – Tenho certeza que você vai conseguir se virar.

E eu pensei: *Sim. Eu vou conseguir me virar.*

Fingir odiar o único homem que amei não podia ser tão difícil, e era meio reconfortante saber que provavelmente nunca mais o veria depois daquilo.

O tipo de conforto de partir o coração.

CONHEÇA OS LIVROS DE SELINA MAE

UNIVERSIDADE HALL BECK

Aprendendo a fingir

Aprendendo a perdoar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

